

Sopros do Reviver o vivido: experiências formativas interdisciplinares na UERGS e UNIPAMPA

João Bosco Rodrigues¹
Rubya Mara Munhoz de Andrade²

RESUMO

Este estudo científico surge da necessidade de pesquisas na área da educação que abordem o tema interdisciplinaridade no contexto dos cursos de formação de professores, de duas Universidades Públicas, que primam por uma educação construtiva, participativa e democrática na produção e partilha do conhecimento, o que se torna relevante analisar a dinâmica teórico prática “in loco”, “ao vivo” em tempos emergências, de ensino remoto. O artigo tem por objetivo realizar uma revisão, bibliográfica, de currículos, ementas, textos e da própria interação de conhecimentos do lugar de aprendizagem, a partir da sala de aula, modos e manejos que articulam o existir da interdisciplinaridade. O estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica com caráter exploratório e descritivo, num enfoque teórico-metodológico a partir de 2007. A análise sobre o que consta nas produções acadêmicas da área, que possa ser identificado, traduzido por um movimento interdisciplinar, pois entende-se que o termo é contemporâneo e mobiliza efervescentes emoções, ações e pensamentos, num ser sistêmico em prol da construção da cidadania. Conclui-se que são limitadas as publicações acerca do tema pesquisado na área da educação e demonstra a necessidade de ampliar pesquisas a respeito da interdisciplinaridade, que é presente no cotidiano.

Palavras-chaves: currículo, educação, interdisciplinaridade.

¹ Psicólogo, Especialista em Saúde Mental Coletiva, Graduado em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa. E-mail: joabosco.aluno@unipampa.edu.br

²Doutora em Educação, Pedagoga na Pró-Reitoria de Extensão da UNIPAMPA. Docente em cursos de Pós-Graduação. UERGS, Faculdade IDEAU e Uniasselvi.

1. Introdução

Neste artigo científico, são apresentados os resultados de um estudo que buscou investigar e identificar a presença da interdisciplinaridade e seus desdobramentos, de acordo com as polissêmicas concepções do termo, durante a participação em três cursos de Formação de Professores, realizados em duas Universidades Públicas, que abrangem a Região Campanha, tendo em vista a crescente adesão, em termos de pesquisas, no campo da Educação voltadas ao tema.

O interesse pela abordagem da Interdisciplinaridade e seus desdobramentos nasce na ambiência do Componente Curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA – Campus Bagé, RS, cujo objetivo era promover uma reflexão crítica sobre as DCN para a Formação Inicial em Nível Superior de Professores para a Educação Básica e BNC para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação) e a última versão da BNCC, com seus alinhamentos de padronização neotecnistas e de redução das prerrogativas docentes.

Este estudo científico, inicialmente, ousa buscar e compreender a concepção de interdisciplinaridade apresentada por alguns pesquisadores da Educação, Psicologia e Sociologia, áreas essas, utilizadas como referências em seus processos de pesquisas interacionistas, especialmente na formação de professores.

Numa segunda etapa, dentro do objeto da Pós-Graduação – Especialização em Gestão em Educação – Supervisão Escolar e Orientação Educacional, da Universidade Estadual do Rio grande do Sul (UERGS), analisar e identificar como os conceitos sobre interdisciplinaridade, utilizados pelos autores têm se constituído e subsidiado o aporte teórico e prático, à compreensão e entendimento do que é o olhar interdisciplinar no processo

curricular e cotidiano da instituição, durante dois eventos de formação da Unidade Bagé, RS.

Justifica-se a presente proposta pela participação na especialização citada acima e, por ter o pesquisador feito parte, em 2007, de um Programa Especial de Formação Pedagógica, como discente. Essa experiência histórica de transformação, com certeza, sim, é central na memória individual e também coletiva (RICCEUR, 2012, p.107).

No período, a efervescência, do curso, da instituição (UERGS), e das afirmações das Políticas Públicas, desde o município e país, eram intensas, sentidas por docentes e discentes, bem lembradas pelo Professor Vilmar Bagetti, (RODRIGUEZ; SILVA e SILVA, 2006, p. 135), na época: “Os alunos da UERGS têm contribuído para reverter este quadro, sendo ativo-críticos (...)”.

Naquele momento, durante o Programa Especial de Formação Pedagógica aconteciam, múltiplos movimentos internos, cuja percepção aguçava-se, provocados pelos treze componentes Curriculares que constituíam a base curricular do curso, ao mesmo tempo costuravam esses saberes de modo integrado, o que mediava a internalização de uma reflexão teórico-prática “in loco” e além da sala de aula, pois como bem aponta SACRISTAN (2000, P. 53):

“À medida que o currículo é um lugar privilegiado para analisar a comunicação entre ideias e os valores, por um lado, e a prática, por outro, supõe uma oportunidade para realizar uma integração importante na teoria curricular. Valorizando adequadamente os conteúdos, os vê como linha de conexão da cultura escolar com a cultura social”

A literatura disponível hoje, aborda a interdisciplinaridade em sua concepção ainda não consensual, mas com horizonte significativo, e deseja-se estudar os que contemplam um olhar amplo, principalmente no questionamento baseado em Ivani Fazenda (2008, p.18): como a interdisciplinaridade se define quando a intenção é formar professores?

2. Os caminhos da formação de professores e a interdisciplinaridade

Para a análise e investigação do presente estudo científico e sua consequente problematização, principalmente no sentido de ir além do simples quantificar e classificar a formação de professores, interessa o processo de qualificação, tanto de quem é docente, como dos discentes, que são mediados por um conjunto de valores emanados dos currículos e respectivos componentes curriculares, os quais integram como disciplina as bases curriculares, ativadoras, do potencial de ensino e aprendizagem, tanto dos docentes, como dos discentes.

A Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), em 2007, na Unidade de Bagé, promoveu o Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes, que habilitava seus discentes egressos para o exercício da licenciatura plena nas áreas de formação de cada concluinte do curso.

A realização desse curso envolveu diversos profissionais de múltiplas áreas, desde educação, saúde, assistência social, veterinária, engenharia, agropecuária, contabilidade, educação física, psicologia, pedagogia, tecnólogos em agropecuária, com ênfase em silvicultura e fruticultura, e outras graduações. Uma verdadeira junção de disciplinas, que segundo (FAZENDA, 2001, p. 17), faz pensar currículo somente na formação de sua grade.

Porém, como bem destaca Ivani Fazenda, no mesmo parágrafo, e corrobora-se tal pensamento, pois os conteúdos continham em seus componentes, muito mais que simples inscrição e nomeação de grade curricular. Cada componente trazia em seu dispositivo de ensino-aprendizagem, a corporeidade dinâmica e internalizada do próprio docente, que, com sua criatividade, ousadia, disposição e desenvoltura do processo de ensinagem. Por isso, a interdisciplinaridade, na concepção de Fazenda (2001, p. 17) pressupõe uma definição de ousadia na atitude, frente a busca do conhecimento, com os aspectos constituintes de um lugar de formação, a instituição UERGS, que em seu valor institucional leva em consideração o contexto cultural local-regional, dentro de um espectro epistemológico e praxeológico, se insere pela

Universidade Pública, entendida como parte de um “Estado-Rede”, à qual define Manuel Castells. (RODRIGUEZ; SILVA E SILVA, 2006, Vol. 2).

3. A percepção interdisciplinar

Os primeiros pensadores, ícones da interdisciplinaridade no Brasil, são Ivani Fazenda e Hilton Japiassu, que, inspirados em Georges Gusdorf, promoveram distintos estudos sistemáticos sobre o tema, com forte influência das Universidades da Europa, especialmente da França.

Gusdorf foi referência para os estudos de Hilton Japiassu, em 1976, com sua tese, que virou livro, “Interdisciplinaridade e Patologia do Saber”, cuja pesquisa dá ênfase às Ciências Humanas. Na obra, Japiassu traz os principais questionamentos sobre o tema e suas concepções, pois promove reflexões sobre o ser interdisciplinar, fundamentadas em vivências da época.

Segundo Japiassu (1976, p. 74) que entende a interdisciplinaridade no contexto de superar a fragmentação gerada pela própria ciência. “ A interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de interação real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa”.

Por sua vez, Ivani Catarina Arantes Fazenda (1993), também inspirada por Georges Gusdorf, implantou um dos mais promissores e eficazes programas de pesquisa sobre interdisciplinaridade na educação, cujos reflexos sentem-se até os dias atuais. O Programa de Pesquisas ocorreu na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, (PUC-SP), vinculado na época, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, onde surgiu o Grupo de Estudos e Pesquisas em Interdisciplinaridade na Educação, o GEPI/PUC-SP/CNPQ/UNESCO.

A autora, dedicou-se mais à conceituação, e escreveu sobre como a interdisciplinaridade estava sendo implementada naquele período, a partir da percepção da conjuntura vigente, e seus poderes, fato que originou o livro “Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetivação ou ideologia?”

Fazenda (2008, p. 21) entende interdisciplinaridade ligada diretamente ao conceito de disciplina, “(...) onde a interpenetração ocorre sem a destruição básica às ciências que a legitimam”. A autora continua:

“Não se pode de forma alguma negar a evolução do conhecimento ignorando sua história. Assim, se tratamos de interdisciplinaridade na educação, não podemos permanecer apenas na prática empírica, mas é necessário que se proceda a uma análise detalhada dos porquês dessa prática histórica e culturalmente contextualizada. Seguindo esse raciocínio, falar de interdisciplinaridade escolar, curricular, pedagógica ou didática requer uma profunda imersão nos conceitos de escola, currículo ou didática. A historicidade desses conceitos, entretanto, requer uma profunda pesquisa nas potencialidades e talentos dos saberes requeridos ou a requerer de quem as estiver praticando ou pesquisando (Fazenda, 2008, p. 21).

A percepção torna-se interdisciplinar à medida que o sujeito se sente envolvido, demonstra atitude, engajamento e uma pré-disposição para ser, desde suas habilidades, estratégias, numa articulação presente, dentro de um modo construtivista e psicopedagógico, de acordo como concebe Coll (2001, p. 13), “construtivista porque valoriza uma aprendizagem significativa e uma memorização compreensiva”. Isso lembra bem as aulas sobre mapas conceituais e mentais. Os dois conhecimentos foram abordados durante a realização da Especialização em Gestão em Educação: supervisão Escolar e Orientação Educacional, Componente Curricular, Gestão, Planejamento e Avaliação Institucional na UERGS, e no Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino, no Componente Curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, da UNIPAMPA.

As duas estratégias de promover o ensino, assim como utilizar para um processo de aprendizagem significativa, foram estudadas e seus gráficos foram construídos de forma participativa e colaborativa, entre os discentes, principalmente para a reflexão e o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva diante das determinações da BNCC e BNC-formação.

Tal apontamento revela o que o senso da aprendizagem significativa, segundo Coll (2001, p. 14) “valoriza “a intensa atividade do aluno”. O autor destaca, que ela é psicopedagógica, por favorecer a distinção dos conteúdos e concomitantemente integrá-los, em uma intenção pedagógica, à qual está sempre voltada para o desenvolvimento humano.

4. Os Caminhos e modos

A pesquisa é exploratória e descritiva (GIL, 2008) e teve como fonte o Histórico Escolar e Certificado do Programa Especial de Formação Pedagógica da UERGS, bibliografias e ementas utilizadas pelos docentes na época de 2007 - 2008, (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso, texto de avaliação do curso, integrante do Componente Curricular: Metodologia de Ensino, publicado no mural da Unidade Bagé, tendo em vista na ocasião o encerramento de publicação de novos textos na coletânea – A UERGS na Fronteira Oeste e Campanha –.

Apontamentos e lembranças dos docentes, colegas e da dinâmica, considerada, no presente estudo por meio de pesquisa exploratória, (...) têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (GIL, 2002, p. 41), e dentro do que concebe Fazenda (2001, p. 12) a proposta interdisciplinar exige contextualização e, “(...) exige que se recupere a memória em suas diferentes potencialidades, resgatando assim o tempo e o espaço no qual se aprende”. Fato esse, que ocorreu durante a elaboração deste estudo científico, nascido, de uma circunstância extraordinária e complexa na qual culminou num processo de ensino remoto emergencial.

Esse outro nível, digamos assim, de existência e de exigência, um pouco além da nossa capacidade de percepção (MORAES, 2004, p. 211), evocou memórias, sentimentos e percepções sobre ensinamentos e práticas reflexivas e internalizadas, as quais buscam traduzir as melhores atitudes interacionistas de um ambiente educacional.

Segundo Moraes (2004, p. 211) “(...) utilizando as nossas intuições, os nossos sentimentos e o imaginário podemos entrar no mundo dos símbolos, dos mitos e da poesia e transitarmos, assim, para um outro nível de realidade”. O

entendimento é de que: “A análise conceitual facilita a compreensão de elementos interpretativos do cotidiano, diz Fazenda (2001, p. 12).

Dentro de uma perspectiva ampla, sabe-se, que a interdisciplinaridade, exige também, novas atitudes, condizentes com o pensamento, o sentimento e a própria ação. Concebe-se que “à medida que se vive o conhecimento, inicia-se um caminho de reflexão sobre o vivido e nele o encontro com teóricos de diferentes ramos do conhecimento” (FAZENDA, 2001, p. 23). E as pesquisas descritivas “são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (GIL, 2008, p. 42).

As três formações de professores, em distintos momentos, ocorreram em circunstâncias e contextos diferentes, porém, geraram perspectivas interacionistas construtivas, a exemplo do processo que ocorre agora e que permeia as inscrições do presente estudo, pois conforme concebe Coll (2001, p. 54) “Ao realizar de aprendizagens significativas, o aluno constrói a realidade atribuindo-lhe significados”. Tal fato é o que acontece, que gera atenção plena, vontade de estar no lugar de aprendizagem, desejo e satisfação em ver o desenvolvimento pessoal tornar-se também um vetor coletivo. E esses aspectos ocorreram com a proposta presente nos diferentes tópicos das formações de professores, das duas universidades públicas.

A primeira, do Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes, desenvolveu-se totalmente no modo presencial, sendo naquele momento, dada ênfase para o “avanço do conhecimento educacional e suas tecnologias” (RODRIGUEZ; SILVA e SILVA, 2006, p. 135), somente como incentivo ao uso de tecnologias digitais educativas complementares ao ensino presencial.

Em 2019, no curso de Especialização em Gestão em Educação: Supervisão Escolar e Orientação Educacional, as aulas e estágios, todos presenciais, fato que somente mudou, a partir da segunda quinzena de março de 2020, com o advento da COVID-19, cujos procedimentos e normas exigiram distanciamento e isolamento físico e a requerer atividades em situação remota de ensino.

As aulas começaram no modo “Live”, e uma série de inovações tecnológicas ocorreu, inclusive para esse pesquisador, que busca adaptar-se e ousar para adquirir as novas habilidades que o momento exige.

A realidade que passamos a viver, promoveu diferentes níveis desta mesma realidade, o que despertou outros modos, outras atitudes, novos olhares, mesmo que impositivos, acionando, com certeza os conhecimentos de cada um, no sentido de promover seu próprio sentimento de autopreservação, o que confirma “(...) o papel desempenhado pelo conhecimento prévio do aluno na aprendizagem significativa”, entende Coll (2001, p. 54).

A inscrição do enunciado acima, representa muito bem, o processo dinâmico, interno e externo do que acontece em um tempo e espaço que se denomina interdisciplinaridade, que se dá aguçando à memória, na intensidade das buscas que se empreende enquanto formação, nas dúvidas que surgem e na contribuição delas para nosso projeto de existência (FAZENDA, 2001, p. 24).

5. Aula interdisciplinar é um exemplo de caminho para...

Um olhar para a prática da Turma, do Componente Curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, do Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Federal do Pampa, UNIPAMPA, revela uma perspectiva da unidade, teoria e prática, formação de um sujeito reflexivo e crítico, à construção e compreensão dos elementos que produzam seu existir integral. Traduz também a percepção de professor produtor de conhecimento

A interdisciplinaridade responde, por um caminho. Analisar somente por um prisma, isto o é disciplinar. A complexidade é pensar novas respostas com diferentes olhares, do diálogo comum

O Componente Curricular Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, que usualmente seria chamado de “Disciplina”, indutor desta pesquisa, traduz em sua metodologia, um caminho, uma ideia a ser seguida. Sacristán (2000, p. 80) cita o que diz Palmade (1979), “interdisciplinaridade no ensino é um caminho a percorrer”.

Na prática, os conteúdos e o processo dinâmico de ser por “live”, exige uma série de conhecimentos gerais e específicos anteriores sobre as tecnologias digitais, consideradas para muitos de média-alta complexidade, enquanto para outros, com acesso fácil, simples. O componente em tempos de COVID-19, traz para a possibilidade de ensino sobre as ferramentas digitais, constituídas por

ambiente virtual, com as aulas remotas emergenciais, estratégia de aproximação, assim como aprendizagens para acessar os dispositivos virtuais.

Nossas atividades deviam ser à distância, e isso provoca nosso olhar reflexivo de como a Universidade mobilizou na prática o ensino remoto para os discentes. De acordo com as informações, a Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), busca uma horizontalidade e igualdade de procedimentos. Observar e identificar na prática a agilização e articulação do processo de inclusão digital dos discentes faz parte de um outro nível, também, de realidade, que se faz interdisciplinar.

As aulas do Mestrado em Ensino começaram no mês de junho, na modalidade ensino remoto, com “lives”, às quartas-feiras, a partir das 14 horas, com atividades em grupos virtuais de trabalho e outros meios, como o whatsapp, divulgação de links pelo Google meet. Destaca-se: as aulas do mestrado em ensino começaram sem nenhum questionamento sobre o nível de conhecimento dos alunos com relação as tecnologias digitais e seus acessos, nem uma pergunta ou oferta de preparação de conhecimento para lidar com aplicativos e plataformas tecnológicas.

6. Despertar de percepções colaborativas...

No papel de discente, desde o começo das aulas, na modalidade emergencial e remota, desconhecia o manuseio e o acesso aos ambientes virtuais, inclusive o classroom, drive e outros aparatos digitais. Fui no tato e na intuição, até inserção na sala de aula, do componente curricular já citado, lugar onde também começou minha alfabetização para acessar as ferramentas digitais.

A manifestação em aula, sobre o desconhecimento e habilidade com as ferramentas digitais despertou o que há de melhor no ser humano, presente em cada um de nós: a solidariedade e empatia.

Espontaneamente, um colega, perguntou, se eu aceitava o compartilhamento de “dicas” “fundamentais”, sobre o manejo digital. Boas horas

de encontros pelo google meet, práticas no navegar do drive, e funcionamento de algumas ferramentas, foram habilitando minha presença segura nas aulas do Pós-Graduação. Considero o procedimento do colega, de estar “ligado”, uma sensibilidade à toda prova, virtude na prática, à qual me habilito e compartilho, pois como diz Comte-Sponville (1995, p. 18) “É imitando a virtude que nos tornamos virtuosos”.

Exemplar é a própria sala de aula, ao vivo, todas as quartas-feiras, do componente curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, cujos conteúdos e dinâmicas das atividades traduzem a práxis, digamos, assim, do que é “currículo”, pois segundo Sacristán (2000, p. 21) “conceber o currículo como uma práxis significa que muitos tipos de ações intervêm em sua configuração, que o processo ocorre dentro de certas condições concretas, que se configura dentro de um mundo de interações culturais e sociais(...)”.

A afirmação do autor contextualiza a nossa ambiência daquele momento, junto as aulas remotas emergenciais e o uso das tecnologias digitais, para potencializar as práticas pedagógicas, no sentido de superar e intervir em situações inesperadas, mas que surgem concretamente, como é o caso da COVID-19.

Com base no que concebe Sacristan, (2000) o percurso do componente curricular da Pós-Graduação em Ensino, desde suas ações e tópicos do Plano de Ensino, apresentação, elementos de aprendizagem colaborativa, roteiro dos encontros, as interações, atividades colaborativas, grupos virtuais de trabalho, rubrica de avaliação geral, lives, playlists e vídeos, leituras recomendadas, registro de presenças, relação de professores e colegas, mural, atividades e pessoas. Esses elementos, estruturantes e organizativos, síncronos e assíncronos promoveram e potencializaram aprendizagens e interações, interfaces desejadas para superar os desafios das novas configurações emergências e remotas do presente.

Ao vivenciarmos Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, constatamos que esta denominação vai além dela como um título. Além do conceito que se poderia em outros tempos atribuir, de “disciplina”. Há sim, um conjunto de

subjetividades, próprias, que surgem desses tempos de incertezas, e que se configura dentro da concepção interdisciplinar.

Na sala de aula, há uma construção coletiva e colaborativa. Ela é singular, científica e social, e promove suscetibilidades na construção propositiva do conhecimento e suas devidas aplicações.

Convém lembrar, que as mediadoras do componente promoveram um movimento da teoria e a prática, dinâmica no envolver conceitos dentro da perspectiva construtivista e dialógica, pressupostos da interdisciplinaridade, o que nos faz perceber no estar presente nas aulas síncronas ou assíncronas. Mas para isso, há que se ter o que está bem concebido, que é ter uma atitude, vontade de querer, desejo de buscar, no caso os conteúdos de ensino e aprendizagem, pois a proposta e concepção são de abertura ao novo, flexibilidade, o que segundo Lino Macedo (2001), representa "... constante busca do melhor, compromisso, respeito, pesquisa...". Daí, compreende-se o valor do sentido do conhecimento que permeia um curso de Pós-Graduação em Ensino, pois as leituras, referenciais teóricos, interação de ideias e práticas desses mediadores denotam sua existência interdisciplinar.

Na simples apresentação do livro de César Coll, Psicologia e currículo – uma aproximação psicopedagógica à elaboração do currículo escolar – (2001, p. 9), Lino Macedo, literalmente nos empurra para o processo de entender currículo e interdisciplinaridade, que andam juntas, com certeza, sempre, mas que por fatores de lógicas e configurações diferentes não percebemos.

Quando ele questiona: "Quais são os livros, ou seja, os autores e suas ideias, que essa escola, ou o professor, estuda? Como se articulam com os livros didáticos adotados? Como escolher um livro didático mais coerente com a proposta curricular adotada pela escola? Aqui, poderíamos substituir livros didáticos, pelos textos apresentados durante o componente. Nos faz refletir sobre o observar do quanto o referencial teórico desses educadores, promovem a sua prática, condizente com as concepções, suas, dos autores, que os embasam e da própria atitude em sala de aula, prática condizente com o que acreditam, pois são movidos por coerência. Essa coerência, nota-se, e é demonstrada na prática, pelo que pensam, sentem e promovem, enquanto ação,

gesto de quem é coerente com a proposta construtivista e propagam isso, no modo como embasam e fundamentam os tópicos e atividades propostos aos discentes.

Pode-se dizer, que a sala de aula, em sua dinâmica, traduz a integralidade das percepções, estudos, bojo dos conhecimentos internalizados e emanados pelas duas professoras, mediadoras, o que compreende, corroborar com o que diz César Coll (2001, p.26), referente ao seu livro, mas que aqui, ousou, contextualizar com a ambiência da aula, em sua virtualidade, lugar que “(...) está intimamente vinculado a todo um conjunto de atuações que, em matéria de ordenação educativa e curricular é desenvolvido (...)

Embora, hoje, exista uma BNCC e DCN-formação de professores, documentos “duvidosos”, por seus alinhamentos e padronização, a aula é um evento exemplar de potencializar o que deve ser, seja como currículo e como modelo de projeto curricular, que se apresenta com variações e interações interdisciplinares, propositivas e de currículo aberto e flexível, o que permite diferentes modos de concretização (COLL, 2001, p.27).

A aula ao vivo, “live”, modalidade de ensino remoto, em tempos de COVID-19, estratégia emergencial como distanciamento físico, mobiliza, em seu espaço de difusão, a promoção do saber. As inquietudes exigem lógicas e posturas diferentes, além de um conhecimento técnico digital, pois com certeza, promovem nas professoras “a leitura e a interpretação do modelo a partir de contextos e realidades diferentes(...)”, diz Coll (2001), isto é, mobilizam lógicas que variam da proposta inicial, no caso da aula presencial, substituída por ambiência digital.

Em si, o componente, traz à luz, pela universidade em um projeto curricular, a indagação, considerada por Coll (2001), visão de um projeto social e cultural, para a produção de um tipo de ser humano desejado pela sociedade, especialmente quando forjado na universidade, que na verdade, se traduz em currículo

Ainda referente ao currículo, Sacristán (2000, p. 20) afirma: “Nenhum fenômeno é indiferente ao contexto no qual se produz e o currículo se sobrepõe em contextos que se dissimulam e se integram uns aos outros, conceitos que dão significado às experiências curriculares obtidas por quem delas participa”. O componente em si, se mescla, se interpenetra, promove e internaliza novas atitudes e práticas dentro de um espírito elevado de solidariedade. Ele é interdisciplinar, está sendo presenciado, virtualmente, num período emergencial, complexo, que exige inovações de acolhimento e inclusão qualificadas, como bem destaca a historiadora Campos (2018, p. 98). “Trata-se, portanto, da problematização de temas de elevada pertinência, ligados a questões emergentes na ordem social, que demandam soluções interdisciplinares, que são tributárias dos mais variados campos do saber”.

A interdisciplinaridade existente no currículo é práxis do componente. Ela traz à tona, as normas, princípios, diretrizes e enunciados norteadores da educação, desde as expressões e manifestações no lidar e legitimar as práticas pedagógicas.

O Pós-Graduação, a partir dos seus discentes, já o é interdisciplinar, pois reúne pesquisadores de diferentes áreas, no entanto, observa-se que conforme suas matrizes de formação, muitos demonstram que a interdisciplinaridade é presente em suas vidas, e os movimenta, faz parte do seu ser, desde o professor, do enunciar palavras e atos, circunstâncias essas, constitutivas da ambiência remota, a qual se torna enriquecedora no processo de ensino e aprendizagem.

Morin (2000) entende não ser a quantidade de informação nem tão pouco sua sofisticação que produzem a aprendizagem e o conhecimento almejados, mas a capacidade de se colocar o saber em contextos legítimos, que permitam a percepção do conjunto analisado.

“In locu”, pela “Live”, “ao vivo”, a dinâmica da aula evoca reminiscências de um conhecimento, que quando compartilhado gera percepções sistematizadas de conexão e auto-organização, fato que instiga, em quem recebe ou compartilha, vontades intensas de participação e integração. Integração que é fruto da interdisciplinaridade, visível e dinâmica, que quando

acionada, principalmente na contemporaneidade, pelo remoto de cada aula ou encontro de professores e discentes com suas visões e congruências pela busca da unidade.

O nível elevado de interação, tanto na assimilação, na acomodação e na transformação das experiências, torna-se resultado de uma percepção de ideais e valores, constituintes, como diz Sacristán (2000, p. 21): “(...) que uma concepção processual de currículo nos leva a ver seu significado e importância real como resultado das diversas operações às quais é submetido (...)”.

Percebe-se o caminho da construção do currículo, consequência de pesquisa, estudos, experiências, envolvimento, vontades além do sabor e do prazer, de engajamentos, de reflexão crítica, das atuações e práticas. Do processo de promover a interdisciplinaridade interna, que se manifesta no simples e complexo ato de mediar as noções básicas e fundamentais das tecnologias digitais, que como pés possibilitam o trilhar de caminhos para um objetivo: aprender a aprender, e aprender com afetividade interdisciplinar.

Os efeitos do currículo e a interdisciplinaridade, não acontecem por si mesmo, eles precisam de elaboração (SACRISTÁN, 2000, P.80), principalmente quando não se parte de nenhum campo de conhecimento. Então, o tempo e espaço de hoje, tendo como foco o ensino remoto, possibilita-nos confirmar que: as aulas remotas são um campo de possíveis aprendizagens, tanto para moldar seus conteúdos, como para aprender as ferramentas de acessibilidade aos ambientes de sala de aula e suas expertises vivenciais. Pode-se aprender duplamente, desde que haja boa vontade, interesse, disponibilidade, equipamentos, energias, aplicativos, os quais devem ser permeados pela virtude da espontaneidade, sensibilidade e empatia.

7. Novas conexões e possibilidades...

A partir deste parágrafo inscreve-se o “dito e o re-dizer”, que segundo Paulo Freire, “falar do dito não é apenas re-dizer o dito mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo do redizer, de novo se diz. Redizer, falar do dito, por

isso envolve ouvir novamente o dito pelo outro sobre ou por causa do nosso dizer”. No que concerne aos objetivos declarados deste estudo, é possível perceber e compreender o processo de educação, aprendizagem e cidadania (MORAES, 2004), que ambienta o século XXI, e busca-se no passado, as memórias que não estão perdidas, mas que possibilitam e permeiam o presente. Presente que se faz construtor de futuros, pois consolida as atitudes, tanto de quem é discente e depois torna-se docente, e vice-versa.

Servem de referencial teórico-prático para o andar da educação, que como um rio, mar, oceano, tem como sua embarcação a “interdisciplinaridade”. Era uma vez, na Universidade Estadual do Rio grande do Sul, UERGS, Unidade Bagé.

“Tudo começou nos sopros dos fundamentos, antropológicos, filosóficos e epistemológicos da educação, para compreender os diferentes e evolutivos caminhos do processo de ensino-aprendizagem. Os facilitadores Rita e Bagetti evocaram os éteres dos modos de ver o conhecimento e suas lógicas, vivas e reais, nas versões empirista, apriorista e interacionista, para preparação do “nós”, para que possamos dar aula e agir na função docente de todos “nós”, num desfazer de “nós, que tecem os fios da educação de todos nós.

Lembro o colega veterinário de Dom Pedrito dizendo que tudo parecia muito estranho, pois vinha de uma outra área, mas que pela efervescência os fios foram sendo ligados e o desconhecido tornou-se íntimo pela aprendizagem.

O que era brisa transformou-se num vento forte com o corte/recorte da psicologia da educação; também com a complexidade instalada e inter-manifestada pelos processos dos primeiros escritos dos seminários, interagindo o estilo e jeitão do Getúlio, em suspiros da didática e do currículo.

Um pouco mais além, a “ilha” da pesquisa em educação com suas ligações ao continente, nos deu a noção da ciência. Na sequência, a professora Fátima com as políticas e legislação da educação, direitos e deveres e sua aplicação que embasam a gestão e organização escolar na complexidade da sua práxis. No componente metodologias do ensino, com Ana Lucia e Getúlio, pelo mapa conceitual descobrimos a essência do que fazíamos.

Todos os componentes deram ênfase ao contexto, puxando exemplos da realidade com aplicação numa relação dialética e dialógica, entre Paulo Freire, Edgar Morin, Fernando Becker, Marilena Chauí, César Coll, Habermas, Piaget, Ausubel, e, Rita, Bagetti, Cláudia, Getúlio, Fátima, e Ana Lúcia.

Ninguém vai nadar na terra, nem na árvore, embora isso exista nas melhores imaginações, também existem coisas que precisam ser mantidas, são as vivências presenciais, insubstituíveis pela tecnologia da informática. Ao menos para mim, que sinto cheiro, toco nas pessoas, rio, dialogo; onde no equívoco de um há o acerto do outro e, muitas vezes, o que vejo não faço, mas faço o que não vejo. Apesar do ritmo intenso e veloz cada um teve a possibilidade de crescer, professar e anunciar sua voz”.

O texto acima, considerado uma síntese de avaliação do curso, com certeza, traduz o sentido e significado, até então, do Programa Especial de Formação Pedagógica Para Docentes, que ao longo de 640 horas aulas, foi exemplar no que se pretende dizer sobre interdisciplinaridade, embora não precisa-se dizer e redizer. Afirmar todo o tempo de que a atitude docente, por si só já reunia e agregava os conhecimentos e fazia-os interagir, sempre para uma melhoria do trabalho educacional, principalmente na formação humana e docente dos discentes, que ali, encontravam a semente para cultivarem ideias, projetos e sonhos, de um porvir saber e compreender.

Assim, chegamos ao ano de 2019, e embarcamos no Curso de Especialização em Gestão em Educação: Supervisão Escolar e Orientação Educacional, cujas primeiras aulas, com seus componentes curriculares – A Ética e a Estética da Professoralidade, Processos Educacionais Inclusivos e Formação Continuada dos Profissionais da Educação, promoveram o lastro para a compreensão dos processos que constituem o sujeito e suas pluralidades de sentidos, pela inclusão e o letramento na formação de professores.

Analisou-se cada um dos quinze Componentes Curriculares, em seus objetivos, conteúdos, intencionalidade, aportes teóricos, e apresenta-se neste estudo, trechos de alguns, pois todos trazem grandes contribuições, merecidas para o caminho de formação de professores, principalmente com ênfase na gestão em educação, que é o caso da supervisão e orientação escolar, cujos

conteúdos ensejam a interatividade e a colaboração, o que configura a percepção da interdisciplinaridade em ação.

O componente Curricular, Processo de Aprendizagem na Infância, Adolescência, Vida Adulta e Velhice, a partir da análise realizada, trouxe o desafio do pensar a integralidade, projeto da própria utopia, como prática humana exitosa na construção social, desde os laços unificadores dos sujeitos e da cidadania, às práticas civilizadas de democracia e autodeterminação dos povos que constituem cada lugar no Planeta.

A mediadora do componente, imbuída, com certeza de uma atitude e olhar interdisciplinar, incentivou o não reiterar apenas as citações sobre as concepções e interpretações que os autores e pesquisadores apresentam na literatura, sobre determinados temas.

Provocou a busca, pela percepção da música, da poesia, da imagem, por exemplo de Sebastião Salgado, que em seus instantâneos fotográficos, coloca uma humanidade em evidência, num flashe, o captar da energia e sentimento presente, seja na forma da alegria, da tristeza, do encanto e da dor. Por um breve instante, tiveram condições de dizer “Eu Sou”, afirma Salgado (1999, p. 9).

Acredita-se que essa motivação, facilitação para algo, principalmente para o fluir de si mesmo, sem amarras, pois nossa ideia torna-se viva a partir do que conhecemos e somos. E, no componente, muito bem mediado, houve incentivo, como aquecimento para que a música, no caso de Belchior fosse ponte para a reflexão crítica e contextualizada de muitos presentes passados:

“Não quero lhe falar meu grande amor... Viver é melhor que sonhar... Eu sei que amar é uma coisa boa ... Eles venceram, e o sinal está fechado para nós, que somos jovens...” Esse canto ecoa numa outra lógica, pelos corpos sensíveis e metafísicos, numa época de sonhos e projetos, pois assim como o amanhecer, o adolescer permeava o jovem adolescente, em sua maravilhosa puberdade, que como flor desabrochava de acordo com a própria natureza, pura, ingênua, valente e pujante. O mesmo ocorria com o jovem adulto, que estava a se desvencilhar do seu vestuário de contos e de sonhos, para inserir-se na roupagem da seriedade seca e das “ditas responsabilidades”, de um sistema de produção política, econômica e social robotizante e criador de necessidades

inócuas. Assim morrem sonhos, vivências e esperanças, que por vezes torna-se pura melancolia. Muitos adultos-idosos, testemunhas, e de certo modo, coniventes com os “tempos modernos”, passaram a sofrer o endurecimento de suas próprias atitudes, que se enrijeceram nos caminhos de uma velhice sem memória, cujas recordações congelaram-se na forma de doenças.

Com base em um conjunto de conceitos de experiência da vida, embasada em referenciais teóricos de fontes e matrizes filosóficas, psicológicas e sociais fundamentais, cujas expertises pronunciam os sopros inspiradores do conteúdo formador e integrador de cada tempo e espaço nosso, podemos dizer que os componentes curriculares são fontes constituintes de sujeitos, cuja dinâmica reúne múltiplos cuja dinâmica reúne múltiplos e interdisciplinares instantâneos, os quais por vezes atingem a transcendência via a espontaneidade manifesta, que por sua vez, poderá transformar-se em dádiva, desde que haja o desejo de assim ser.

Nas observações e estudos sobre tema interdisciplinaridade pode-se dizer que, semelhante ao título do livro de Pablo Neruda: Confesso que Vivi. Confesso que vivi e senti, a experiência de “aulas remotas interdisciplinares”, momentos únicos, integrados por síncronos e assíncronos, vocabulário em tempos de distanciamentos físicos e estreitamentos virtuais.

Por isso, afirma-se, repete-se: a ambiência do componente curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, em sua dinâmica existencial, representa uma atitude do conhecimento e de abertura à compreensão da ação de aprendizagem e aos pressupostos princípios (Fazenda, 2001, p. 11) da interdisciplinaridade, um exemplo de caminho sentido e vivido pela prática da existência da própria aula.

Um olhar para a dinâmica da Sala de Aula, da Turma, da nossa Turma, revela uma perspectiva da unidade, teoria e prática, imersão, bem orientada pelas duas professoras, mediadoras de um porvir a ser, (de cada um de nós, e do curso em si) daqueles que, por desejo, estão presentes, e interagem no momento da formação sonhada. De sujeitos que buscam a reflexão, construção e compreensão dos elementos que promovem um existir integral, de inteirezas inspiradoras do SER.

A sala de aula, traduz também, a percepção de professor, produtor do conhecimento. Tal lugar, refere-se ao contexto do nosso momento, ensino remoto, pois como bem destaca Ivani Fazenda (2002, p. 22), a pesquisa interdisciplinar exige um novo modo de investigar, que não são os conhecidos métodos que mensuram, e sim, constitui-se em lampejos de vestígios de verdades relativas, embaladas pelo desiderato intuitivo, num processo de busca do absoluto, da inteireza, da totalidade, que com certeza abrem caminhos rizomáticos e são interdisciplinares.

A divagação, simplesmente ocorre para apontar o Componente Curricular, Currículo, Interdisciplinaridade no Ensino, como exemplo prático da interdisciplinaridade na sala de aula, em tempos remotos emergenciais, que cumpre, as prerrogativas e os princípios, tão bem apregoadas na literatura sobre interdisciplinaridade.

No momento, celebrando na forma de um ritual, “chuvas de bênçãos da sabedoria primordial”, que como pano de fundo, inserem a oportunidade que o componente curricular nos possibilita, e no uso da liberdade sem medo, manifestamos o evocar de nossas impressões e de um imaginário, para homenagear o que de melhor somos e podemos fazer no processo de assim Ser, sem amarras, sem condicionamentos, mas com a certeza, de que nossas raízes são autônomas e emancipadoras, cultivadas em terras “puras”, (um termo budista), e referenciam nossas práticas pedagógicas no sentido de que a resistência para o que não deve ser, seja cada vez mais, a força para o que deve acontecer e florescer.

Muitos afirmam que a existência é como um piscar de estrelas, fugazes instantâneos, E no caso, como um sopro de conclusão, compreendemos que o fenômeno, assim considerado, da interdisciplinaridade poderá ser ponte, em movimento, para a travessia, que com todas as suas características, transformadoras, busca sedimentar um tornar-se o que é de sua própria natureza. Ser e poder vir a ser, pensar as diferenças muito além das instalações e construções dessas, e promover em si, a partir de si, revelar-se, com possibilidade de questionar-se, como sugere Carl Rogers (1961, p. 15), “como me tornei em quem sou?” Isso já o é dignificante pelo pensar e observar, com a curiosidade ativa e proativa, movimento de quem desperta a cada dia vivo,

inteiro, integral, e que luta para o desafio de tornar-se gente a cada momento e sempre.

O esforço de síntese do que analisa-se, reconhece-se, a concepção de interdisciplinaridade, tanto quanto sua compreensão, é uma busca, que diariamente exige atenção, dedicação, estudo, comprometimento, novos olhares.

“A atitude interdisciplinar do professor deve ser construída pelo autoconhecimento inicial, refletindo sobre a sua própria prática educativa, procurando o significado para a sua vida e a de seus alunos, tornando-a um processo contínuo de construção de novos saberes, não abandonando as suas práticas coerentes e consequentes, mas atualizando-as e compartilhando-as com seus pares. O professor deve ser um provocador de dúvidas, um incitador a reflexões e questionamentos, uma pessoa que sabe o momento certo de interferir, mas que ao mesmo tempo aprende com seus alunos”. (FAZENDA, 2001, p. 86).

O desafio foi esse, demonstrar e apresentar os espaços dos possíveis diálogos para todos os campos do conhecimento sobre o tema investigado e percebido como interacionista, dos valores que constituem a complexidade da nossa existência. Somos um sistema, feito de pessoas. Seres humanos influenciados pelo contexto vivencial, que com certeza, enquanto pessoas, também influenciam diretamente a sua ambiência. Viu-se, nas três formações, duas na UERGS e uma na UNIPAMPA, exemplos do movimento da interdisciplinaridade, que mesmo sem ser identificada como um princípio de valor ativo de conscientização, está imersa em nosso cotidiano, do pensamento a ação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Um método para análise e co-gestão de coletivos - A constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: O Método da Roda** - São Paulo, Hucitec, 2000.

CAMPOS, A. L. A.; MARTINS, J. M.; OLIVEIRA, A. D.; PARASMO, M. C. A. A interdisciplinaridade segundo Edgar Morin e Alzira Lobo de Arruda Campos. URL: www.italo.com.br/portal/cepep/revista_eletrônica.html. São Paulo SP, v.10, n. 2, p. 93-107, abr/2018.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes** / trad. Eduardo Brandão. – São Paulo : M

FAZENDA, Ivani (Org.). **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo : Cortez, 2008.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. 3ª ed. São Paulo: PALAS ATHENAS. 1997.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental. Contribuições das pesquisas sobre Interdisciplinaridade no Brasil: O reconhecimento de um percurso**. In: DALBEN, Ângela Imaculada L. Freitas (et al.). XV ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais. Belo Horizonte: Autêntica: 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo : Atlas, 2002.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 2004.

FAZENDA, Ivani (Org.). **O Que é interdisciplinaridade?** — São Paulo : Cortez, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina. (Org.) **Dicionário em Construção: interdisciplinaridade**. São Paulo : Cortez, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. – São Paulo : Atlas, 2008.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, 208 p. (Coleção TRANS)

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80 p.

MORAES, Maria Cândida. **Pensamento eco-sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI**. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes, 2004.

POMBO, Olga. **Interdisciplinaridade e integração dos saberes**. Linc. em Revista, v.1, n.1, março de 2005, p. 3-15.

SACRISTÁN, J, Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática / trad. Ernani F. da Rosa – 3. Ed. – Porto Alegre: ArtMed. 2000.

SALGADO, Sebastião. Retratos de crianças do êxodo. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.